

Visita de Funaro movimenta Argentina

360

Do Enviado Especial

Buenos Aires — Está sendo aguardado com ansiedade nesta capital o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, para participar das discussões preliminares que os 24 países devedores latino-americanos, asiáticos e africanos promovem, na busca de condições satisfatórias para renegociação das suas dívidas externas e ajustes econômicos. Em abril, os resultados da reunião de Buenos Aires serão encaminhados ao FMI como uma reivindicação de consenso. Mas a ansiedade em torno de Funaro, evidentemente, está relacionada ao Plano Tropical, com o qual o Governo Sarney congelou preços e salários para tentar deter a inflação que superou os 250 por cento.

Os jornais da capital argentina abriram manchetes às notícias do Brasil, mas os argentinos não perderam oportunidade de ressaltar que mais uma vez o gigante vizinho encontrou uma forma de copiar decisões econômicas tomadas anteriormente pela Argentina para segurar a inflação. Charges, comentários, gozações, tudo está nos jornais e revistas, mas uma conclusão está bem ressaltada: Sarney jogou certo, no momento certo e, consequentemente, analisam os comentaristas argentinos, o Plano Tropical, pelo menos enquanto não estiver dando problemas, como começa a dar o Plano Austral argentino, com o gradual descongelamento da economia, renderá trunfos políticos neste ano eleitoral.

Funaro desembarca na Argentina, no momento em que as relações entre governos, trabalhadores e empresários entram numa fase delicada. O Plano Austral foi um sucesso no combate à inflação, reduzindo-a de 30 por cento para 2,5 por cento ao mês. Porém, o produto interno bruto caiu 4 por cento em 1985 e o salário real sofreu uma queda de 33 por cento, segundo os trabalhadores, enquanto o Ministério do Trabalho considera exageradas tais estimativas.

Os empresários reclamam descompressão dos preços, os trabalhadores querem aumentos de salários e o Governo joga na mesa de negociações um pacto social, na tentativa de conter as reivindicações, enquanto, na área externa, onde os problemas estão sendo resolvidos com dificuldades, a reivindicação oficial, conforme discussões levadas no âmbito do grupo dos 24, se faz em favor de uma renegociação que contempla tratamento diferenciado para a dívida nova e dívida velha, de modo que para aquela sejam oferecidas taxas de juros mais favorecidas.

Ocorre que a negociação em torno das taxas de juros continua sendo uma incógnita. José de Botafogo Gonçalves, vice-presidente do Banco Mundial, disse que dificilmente ocorrerá uma redução da taxa de juros significativa a curto prazo. Para que isso ocorra, ressaltou, será preciso promover uma reforma monetária internacional, providência que foge

do comando dos países devedores, pois constitui tarefa para os países industrializados. Botafogo lembrou que o presidente Reagan, recentemente, disse ser necessário caminhar nesse sentido. Passo significativo foi dado em setembro do ano passado, quando os cinco países industrializados decidiram desvalorizar o dólar. Botafogo disse que são grandes, dentro do governo norte-americano, as preocupações com os volumosos déficits comercial e orçamentário dos EUA, que abatem consideravelmente a credibilidade do dólar, mas uma súbita desvalorização da moeda norte-americana, se vier a ocorrer, evidentemente, criará dificuldades enormes no mercado financeiro internacional, já que os países devedores terão suas dívidas parcialmente perdoadas. Antes disso, porém, poderá se criar uma situação financeira na qual a característica principal será a escassez de empréstimos de forma generalizada, que prejudicaria os países endividados.

Botafogo, ressaltou que a situação externa continua confusa. Não soube avaliar se uma queda dos preços do petróleo poderia aliviar a situação da economia mundial, reativando-a, porque, se isso, de um lado, pode acontecer, perspectivas com as quais trabalham as autoridades econômicas brasileiras, por exemplo, de outro, pode ocorrer o inverso, com a queda de receita dos países devedores que têm no petróleo sua principal fonte de divisas como o México, por exemplo.